

A LEGO Technic rocket ship is shown flying through space, leaving a trail of light. The rocket is blue and white, with four engines at the bottom, each emitting a bright white light. The background is a dark blue space filled with streaks of light, suggesting high speed or a warp effect.

O
ASTRONAUTA
que foi ao
ESPAÇO

ERNESTO KRAMER

EDIÇÕES UNIVERSO SEPARADO

O ASTRONAUTA QUE FOI AO ESPAÇO

ERNESTO KRAMER

EDIÇÕES UNIVERSO SEPARADO

© Ernesto Kramer - 1987

Classificação:

LITERATURA INFANTO-JUVENIL para adultos

Conto Infanto-Juvenil para adultos

O ASTRONAUTA que foi ao ESPAÇO

Foi ele mesmo quem me contou sua história.

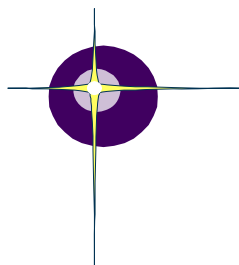
O Astronauta gosta de viajar. Foi a tantos lugares, que tem dificuldade, às vezes, de lembrá-los todos. Também tem gente que não acredita em suas histórias. Conta coisas de lugares que ninguém nunca viu, nem escutou falar. A gente nem pode imaginar que existam.

Contou que conhecia três universos e que sabia de mais outros, os quais ainda queria conhecer. Eu não sei destas coisas. Somente anoto o que ele me disse. Falou de outros planetas, de sois próximos e longínquos. Descreveu outras galáxias. Mas quando ele quis descrever os outros universos que conheceu, não pude entender muito.

Eu achava interessante quando ele descrevia os lugares que visitou. Na grande maioria dos planetas nem podia sair da Astronave. A muitos deles nem podia chegar perto. Contou de sois imensos, inimaginavelmente grandes, de planetas com dois, três ou até seis sois, de uma galáxia que parecia nuvem e demorou mais de um ano para atravessá-la, na maior velocidade possível.

Uma vez quase foi absorvido por um buraco negro no espaço. Não lhe foi possível me fazer compreender como se livrou. Somente entendi que, se ele não tivesse conhecido as árvores pensantes, teria desaparecido para sempre e nunca poderia ter me contado sua história.

Gostei muito mais quando me falou dos amigos que conheceu nas viagens. Descreveu seres quase transparentes. Contou do planeta das árvores pensantes, onde ele gostava de voltar, porque eram muito inteligentes e sempre lhe ensinavam algo novo. Falou de gente muito estranha, que muitas vezes nem parecia gente. Tinha uns que eram feíssimos, parecendo monstros. Outros eram bonitos, às vezes de uma beleza incrível. Muitos não eram de carne e osso como nós. Afirmou também que teve contato com seres vivos que não pode ver nem tocar. Nem os instrumentos mais sofisticados de sua Nave Espacial puderam detectá-los. Mas ele assegura que existem e que se comunicou com eles.



O Astronauta era uma pessoa muito alegre e ria muito quando contava suas histórias. Até das coisas mais sérias ele ria. Era feliz em suas viagens espaciais e com seus esquisitos amigos. Era feliz em sua Nave Espacial, ainda que com frequência viajava sozinho por muito tempo. As lembranças o faziam falar, como querendo recuperar os anos de solidão, sem ver um ser humano igual a si mesmo.

O conheci aqui na Terra. Disse que passava umas curtas férias no seu planeta natal. Não pude conhecer sua Astronave, pois a tinha deixado mais longe que a Lua. Chegou mais perto em uma nave menor e mais simples. Aterrissou em um dos veículos que fazem o serviço de táxi para os viajantes espaciais.

Senti no meu coração sua tristeza quando me falava da desilusão que lhe causava seu planeta. Ele amava sua Terra natal e sempre que estava no espaço, lembrava-se dela. Entre uma viagem e outra, se dava um tempo para voltar. Só me dizia que era muito penoso, que nunca conheceu um planeta habitado que fosse pior do que este. Reclamou muito de seus conterrâneos, que não sabiam ou não queriam cuidar do lugar onde moravam. Comentou que nunca viu, conheceu ou soube de outra espécie que maltratasse tanto o lugar de sua existência.

Estivemos juntos alguns dias. Convidou-me para viajar com ele, aqui na Terra, para poder me explicar todo o que queria me dizer. Mostrou os rios poluídos, que nunca mais vão ter peixes; os lugares áridos, que uma vez foram grandes florestas; os campos esgotados, de terra estéril; os mares

sujos, que não servem nem para tomar banho; o ar contaminado, muitas vezes irrespirável; as acumulações de lixo, que não foi reciclado num processo natural.

Comentou sobre a loucura das cidades, sobre o desaparecimento de espécies, sobre o esgotamento de recursos e sobre a acumulação de doenças, que os humanos estamos sofrendo por descuido próprio.

Chamou minha atenção sobre o mal que fazem as coisas que a gente consome. Queixou-se que em sua Terra não achava alimentos saudáveis. Afirmou que somos tão estúpidos, que mais gostamos das coisas que mais mal nos fazem.

De todo isto falou com tristeza e com não pouco rancor. Mas quando o senti pior, foi quando se queixou dos Seres que eram iguais a ele. Assegurou que nunca, em lugar nenhum, nem nos outros universos que visitou, soube de seres que fossem tão violentos e sem piedade entre si.

Ele não entendia a violência como algo somente físico. Explicou que os maus tratos, a tortura e até o assassinato são crimes tão graves como a violência econômica ou psicológica. Comentou sobre a violência religiosa, sexual, racial e outras formas praticadas aqui. Insistiu muito para que eu entendesse o que chamou de violência ecológica, que é o crime contra a natureza.

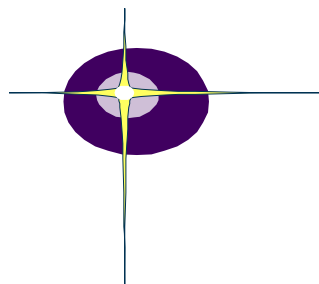
Contou que em todo o mundo conhecido, os seres que podiam se comunicar uns com outros, eram considerados iguais e que se respeitavam. Todos têm o direito de existir

da melhor forma possível, me disse. Ninguém tem direitos sobre outros, nem existe nada que tenha menos valor que a gente mesmo, agregou.

Falou destas coisas com muitos detalhes. Mostrava um profundo conhecimento sobre todos os temas que abordava. Pediu repetidas vezes que eu me concentrasse e pensasse sobre o que ele me dizia. Impulsava-me a chegar às minhas próprias conclusões.

Estava horrorizado quando me explicou, pacientemente, sobre o perigo demencial que nós criamos neste planeta. Acusou-nos, a todos nós, cúmplices de ter transformado nosso Planeta na maior bomba conhecida em todo tempo e lugar, com o fim único de nos destruir.

Afirmou que não era somente a Terra e a humanidade que poderiam desaparecer. Não era só nosso Sistema Solar e nossa Galáxia que iam ser afetados. Outros universos também seriam implicados. Outros seres, que nenhum mal nos produzem, iam sofrer por causa de nossa besteira.



A loquacidade do Astronauta decrescia à medida que comentava sobre estes temas. A alegria que demonstrava quando falava dos mundos longínquos, deixava passo a um aspecto tenso e cansado quando criticava o lugar onde se encontrava. O último dia que estive com ele quase nem falou. Olhava continuamente pro céu e suspirava. Ainda que de dia, parecia que o brilho das estrelas se refletia em seus olhos.

Aquele entardecer estivemos sentados num lugar que ainda chamavam de praia. Tinha traços de areia entre as latas e vidros de bebidas, os filtros de cigarros, pedaços de papel, tampas metálicas de garrafas, além de vasos e pratos usados de plástico. Alguns cachorros, porcos e galinhas procuravam alimento entre os restos de comida e detritos em geral. O mar tinha muito mais espuma do que eu me lembrava da minha infância.

Ficamos o mais longe possível das barracas, onde era oferecido comida e bebida. Tudo era artificial, com sabor e consistência imitando uma e outra coisa. De um lado e do outro, alcançava-nos música em alto volume, entreverada com o pregão gravado que oferecia os serviços do lugar.

As cadeiras de praia eram incômodas, mas ficamos longo tempo. Depois que desapareceu o último raio de sol, quando a brisa suave esfriou e começaram a aparecer as primeiras estrelas, o Astronauta voltou a falar.

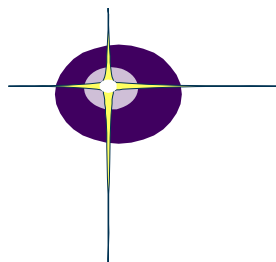
Sem deixar de olhar para o céu, contou de um planeta distante, mas não era a mim que ele falava. Escutei-o

descrevendo uma criatura desse lugar, fêmea de formas estranhas mas harmoniosas, com pele de cor roxa, três olhos eqüidistantes na cabeça, as unhas suaves como cabelo liso e os sons de sua voz parecendo o canto de pássaros desaparecidos de aqui.

Tento descrever aquele planeta, mas apenas me lembro de cores, como árvores azuis, ar laranja, água cor de rosa e a terra, qual era a cor que ele disse que aquela terra tinha? Esqueci muito porque na minha memória ficou mais gravada a atitude de aqueles seres: estavam sempre fazendo para os outros o melhor que queriam para si mesmos.

Senti o silêncio do Astronauta quando acabou de falar, como uma coisa viva que se sobrepunha ao som estúpido da música que nos alcançava. Tinha muitas estrelas no céu. O frio da noite nos obrigou a virar nossas capas brancas que nos protegiam da radiação diurna, deixando o lado preto para a fora, para nos abrigar.

O Astronauta se levantou, tossiu e cuspiu. Pôs uma mão na cintura e com a outra indicou seu peito. Seus olhos estavam fixos nos meus quando o escutei dizer: “Eu posso viver nesse lugar”.



Nunca mais soube dele, depois do abraço de despedida que nos demos no Astroporto. O som de seu riso desperta em mim, cada vez que lembro aquele momento.

Mas eu gostaria que ele tivesse ficado, para nos ajudar na tarefa de melhorar a vida em nosso querido Planeta Terra.

